

II Jornadas em Línguas Minoritárias



Livro de resumos

Ficha técnica

TÍTULO

Livro de Resumos das II Jornadas em Línguas Minoritárias

COORDENADORES

Alberto Gómez Bautista, Helena Rebelo, Luís Pinto Salema & Tamara Flores Pérez

DATA

29 de outubro de 2021

CONTACTOS

myvarialing@gmail.com

<http://www.varialing.eu>

APOIOS

universidade de aveiro  dlc departamento de línguas e culturas

universidade de aveiro  cllc centro de línguas, literaturas e culturas

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Este evento foi financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UIDB/04188/2020.

Índice

Apresentação	4
Comissão organizadora	5
Comissão científica	6
Programa	7
Resumos		
Conferências	9
Comunicações orais	12

Apresentação

No dia 29 de outubro de 2021, realizam-se no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, as *II Jornadas em Línguas Minoritárias*, que pretendem aprofundar temáticas relacionadas com a investigação nessas línguas, no âmbito da descrição, prescrição e normalização, com o foco nas temáticas seguintes:

- Contacto linguístico
- Influência da língua dominante
- Descrição gramatical
- Estudos fonéticos
- Estudos prosódicos
- Aspectos sociolinguísticos

Os trabalhos incluem conferências e comunicações orais.

Comissão organizadora

Alberto Gómez Bautista, ISCAL | CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Helena Rebelo, UMa | CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Luís Pinto Salema, FLUC | CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Tamara Flores Pérez, USAL | CLLC, Universidade de Aveiro, Portugal

Comissão científica

Alberto Gómez Bautista (ISCAL | Universidade de Aveiro, Portugal)

Ana María Cano González (Universidad de Oviedo, Espanha)

Helena Rebelo (Universidade da Madeira | Universidade de Aveiro, Portugal)

Luís Pinto Salema (FLUC | Universidade de Aveiro, Portugal)

Lurdes de Castro Moutinho (Universidade de Aveiro, Portugal)

Francesc González i Planas (Universitat de Girona, Espanha)

María Victoria Navas (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)

Rosa Lúcia Coimbra (Universidade de Aveiro, Portugal)

Tabita Fernandes da Silva (Universidade Federal do Pará, Brasil)

Tamara Flores Pérez (USAL | Universidade de Aveiro, Portugal)

Xosé Regueira (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)

Programa

Programa

Hora	Sessão
8h45-9h00	Entrega de documentação
9h00-9h30	Sessão de abertura
	Conferência de abertura
9h30-10h20	Ana R. Luís <i>Contacto linguístico e criouliização – um contributo para o debate sobre a especificidade das línguas crioulas</i>
10h20-10h40	Intervalo
	Sessão moderada por Alberto Gómez
	Comunicações:
	Helena Rebelo <i>A União Europeia e as Línguas Românicas não Oficiais: Uma leitura da Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias e de manuais de Linguística Românica</i>
10h40-11h55	Iván Solivellas <i>Ideologias linguísticas sobre o standard catalão: uma aproximação qualitativa desde as Ilhas Baleares</i>
	Gonzalo Llamedo Pandiella <i>Discursos d'odiñ en Twitter sobre les llingües romániques minoritaries de la Península Ibérica</i>
	Sessão moderada por Helena Rebelo
	Comunicações:
11h55-12h45	Miguel Rodríguez Monteavaro <i>El Estudiu dialectográficu y dialectométricu na frontera ente l'asturianu central y l'asturianu occidental (EDACEO): una aproximación</i>
	Elisa Fernández Rei e Carmen Muñiz Chacón <i>Variedaes llingüístiques del asturianu y del gallegu: aspetos ideolóxicos y llingüísticos</i>
12h45-14h30	Almoço
	Sessão moderada por Tamara Flores
	Comunicações:
14h30-15h20	Gabino S. Vázquez-Grandío <i>A xestión lingüística nos principais contextos de socialización infantil de Galicia</i>
	Thaís Ferreira Bigate <i>A Língua Brasileira de Sinais Tátil</i>
	Conferência de encerramento
15h20-16h10	Francisco Macías <i>Edición en galego, ese milagre!!!</i>
16h10-16h30	Sessão de encerramento

As sessões decorrerem no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro na **Sala 2.1.13**.

As conferências têm uma duração de 40 minutos + 10 minutos para comentários e perguntas.

As comunicações têm uma duração de 20 minutos + 5 minutos por comunicação para perguntas que se realizarão no fim de cada sessão.

Resumos Conferências

Contacto linguístico e crioulição – um contributo para o debate sobre a especificidade das línguas crioulas

As línguas crioulas de base lexical portuguesa ocupam um lugar de destaque no contexto das políticas de língua e direitos linguísticos. Por um lado, nos países em que são faladas pela maioria da população, ainda nenhum crioulo adquiriu estatuto de língua oficial, conforme tem sido amplamente denunciado nos últimos anos por diversas entidades quer linguísticas quer culturais e políticas (Timbane&Balsalobre 2017), com especial expressividade em Cabo Verde (Vilela 2017), Guiné-Bissau (Silva&Sampa 2017) e São Tomé e Príncipe (Agostinho&Bandeira 2017). Por outro lado, em países como a Índia e a Malásia, os crioulos de base lexical portuguesa, falados por pequenas comunidades politicamente e socialmente desprotegidas, correm o risco de se extinguirem, à semelhança de tantos outros crioulos asiáticos entretanto extintos (Lucchesi 2012). Constatase assim a necessidade de manter aceso o debate sobre o reconhecimento linguístico das línguas crioulas africanas (Bouchard 2020), enquanto línguas oficiais, e também de simultaneamente alargar o reconhecimento das variedades asiáticas, cujo estatuto enquanto línguas minoritárias tem sido menos debatido.

Tendo em conta este contexto, será meu propósito fazer uma reflexão sobre a origem, desenvolvimento e estrutura das línguas crioulas de base lexical portuguesa, em defesa do seu estatuto enquanto línguas maternas com regularidades gramaticais idênticas às das línguas não-crioulas. Dando especial atenção aos crioulos de base lexical portuguesa, esta apresentação começa com uma contextualização socio-histórica que remete para espaços coloniais marcados pelo contacto linguístico. Segue-se uma caracterização linguística, que dará especial ênfase ao efeito do contacto entre línguas na formação das estruturas gramaticais das línguas crioulas. Com base nos dados socio-históricos e gramaticais, será problematizado o conceito de ‘crioulição’, no âmbito do debate sobre o processo de formação e especificidade das línguas crioulas.

Palavras-chave: políticas de língua, crioulos, gramática, morfologia, especificidade das línguas crioulas.

Francisco Macias

Editor, Espanha

Edición en galego, ese milagre!!!

Despertei culturalmente na Barcelona de finais dos anos 70 do século pasado, e fíxeno en ambientes anarquistas nos que se consideraba alienante desenvolver durante máis de cinco anos calquera actividade. Seguí este pensamento, mudando constantemente de oficio, de actividade. Cando comecei a facer de editor tamén quería durar pouco. Pero aquí estou, despois de 33 anos! Iso, si, compatibilizándoo cunha certa actividade agrícola.

E semella que tantos anos de editor poidan dar unha certa experiencia. E si que a dan. Quizais para saber que hai que mudar constantemente, ao mesmo tempo que non hai que tocar o que funcione. Esa combinación é o reto. E non é fácil.

E como acadalo sendo una editora a que din “alternativa”? É una pregunta que me teño que facer case cada día. En Galicia é posible (o optimista nome de Positivas supón, xa de por si, un certo carácter utópico), malia a actitude das institucións galegas, que desconfían da cultura, tanto que case parece que a cultura é o inimigo a bater. A resistencia da edición en galego é un dos milagres desta parte do universo mundo.

O obxectivo editorial en Galicia é acadar un público lector en lingua galega. Non é doado, pois os medios de comunicación (tan submisos ao poder!) ignoran as nosas publicacións; e, para engadir contratempores maiores, mesmo a lingua galega está a minguar o seu uso.

Malia todo isto, a realidade actual é mellor que cando comezamos. Os alicerces, débiles eles, están creados. A oportunidade é grande, e imprescindible aproveitala, pois non pasan dúas veces por diante da mesma porta. Somos necesariamente utópicos.

Palavras-chave: Galego, edición, libro, lectura, Edicións Positivas.

Resumos

Comunicações orais

Elisa Fernández Rei

Universidade de Santiago de Compostela, España

Carmen Muñiz Cachón

Universidade de Oviedo, España

*Variedades lingüísticas del asturiano y del gallego:
aspectos ideológicos y lingüísticos*

La diversidad lingüística se basa en las manifestaciones del lenguaje humano. Como tales, las situaciones de contacto lingüístico no son necesariamente extraordinarias, como cuando parece desprenderse de la literatura científica. Son precisamente estas situaciones de contacto lingüístico las que vamos a tratar en esta comunicación: el contacto lingüístico entre castellán y asturiano en Asturias, y entre gallego y castellán en Galicia. Asturiano y gallego son, además, dos lenguas minorizadas que gozan de estatus distintos: el gallego es cooficial con el castellán en la Comunidad Autónoma de Galicia, mientras que el asturiano está luchando por la cooficialidad.

La nueva investigación presenta una revisión bibliográfica sobre el tratamiento que la literatura científica otorga a las distintas variedades lingüísticas de gallego y asturiano. Los objetivos principales son: 1. analizar cómo se conceptualizan en el discurso académico la variación y los procesos de hibridación de variedades en situaciones referidas; 2. establecer qué criterios se usaron para determinar las variedades lingüísticas existentes en Galicia y Asturias; y 3. determinar si la oficialidad / no oficialidad de ambas lenguas condiciona el discurso lingüístico.

Palabras-chave: variedades lingüísticas, asturiano, gallego, lenguas en contacto, lenguas minorizadas.

Gabino S. Vázquez-Grandío

Seminario de Sociolingüística da Real Academia Galega, Espanha

A xestión lingüística nos principais contextos de socialización infantil de Galicia

Historicamente, en Galicia conviviron falantes de dúas linguas, o galego e o castelán, actualmente cooficiais. Por iso calquera iniciativa social precisa lidar coa xestión desta diversidade interna, explícita ou implicitamente. Os movementos migratorios e as transformacións sociais dos últimos anos non fixeron senón tornar esta situación máis complexa.

Nas últimas dúas décadas o galego perdeu 250.000 falantes. As investigacións sociolingüísticas salientan dous grandes problemas: a creba da transmisión interxeracional e o abandono do galego pola mocidade criada nesta lingua, especialmente nas contornas urbanas e periurbanas. Estes procesos dirixen a atención aos principais espazos de socialización dos máis novos e á xestión lingüística que se fai neles.

Nesta materia, a escola foi tradicionalmente obxecto privilexiado tanto polas investigacións coma polas políticas públicas. Porén, no traballo do Seminario de Sociolingüística da Real Academia Galega a análise esténdese para abranguer algúns dos contextos de socialización infantil máis relevantes e menos estudados. Atendendo ás políticas e a xestión lingüística, investigouse a familia como espazo fundamental de socialización primaria. Na socialización secundaria, distinguimos entre a educación formal, rexida polas políticas públicas, e a non formal — programas de conciliación laboral e familiar e actividades periescolares formativas ou de lecer — levada por empresas privadas ou asociacións. Finalmente, atendéronse tamén as políticas públicas, en especial as municipais, as de menor alcance pero máis achegadas ao terreo.

Nesta comunicación presentaremos unha análise cualitativa sobre unha mostra de 46 entrevistas e dous grupos de discusión cos axentes encargados de deseñar, desenvolver e implantar esta xestión neses contextos: titores e/ou proxenitores das familias, direccións e profesorado das escolas, empresariado e persoal responsable das actividades complementarias e extraescolares e políticos locais.

No traballo comprobamos que aqueles contextos carentes de políticas explícitas, contribúen a reforzar os procesos de substitución lingüística, en detrimento dos obxectivos do sistema educativo e das ordenanzas municipais. Agora ben, subliñamos tamén o traballo de persoas e entidades que desenvolven políticas propias pro-galego buscando paliar ou reverter estes procesos no seu marco de acción. Finalmente, destacamos a capacidade das administracións locais para articular políticas lingüísticas efectivas e transversais aos diferentes espazos que transitan as nenas e nenos na súa socialización.

Palavras-chave: galego, xestión lingüística, transmisión interxeracional, desgaleguización, escola.

Gonzalo Llamedo Pandiella

Universidade de Oviedo, Espanha

Discursos d'odiu en Twitter sobre les llingües romániques minoritaries de la Península Ibérica

Los imaxinarios socio-discursivos internacionales lleven décadas describiendo dende distintas disciplines la emerxencia d'un paradigma globalizáu, que camuda l'orde tradicional y xerárquicu de les estructures y les rellaciones por un panorama *rizomáticu*, ye dicir: de calter reticular, hiperconectáu y en continuu cambéu, nel que s'entemecen realidá y virtualidá (Han, 2021). Esti desaniciu de les llandes físiques provoca, en consecuencia, una tresformación na concepción del espaciu y de les rellaciones de los individuos coles llingües.

D'una banda, la *desespacialización* y el puxu de les comunidaes virtuales xenera una riestra de posibilidaes de crecimentu pa les llingües minoritaries y minorizaes, no que cinca a la so normalización, promoción y usu: eventos académicos, recursos en llinia, formaciones masives o nuevos nichos de mercáu de productos etiquetaos nestes llingües son dalgunes de les estratexes que tán garrando puxu (Paricio y Martínez, 2016; Alén, 2019; Alén y Boyer, 2020). D'otra banda, existen tamién nuevos riesgos pa desacreditar l'honor del nuestro patrimoniu llingüísticu n'Internet, como ye la viralización de discursos acientíficos d'odiu.

L'oxetivu d'esti trabayu ye sorrayar esta última cuestión, col envís d'ufiertar una reflexión al respectu y de convidar a los organismos que velen poles llingües a trabayar de cerca coles redes sociales pa contribuyir a superar esti problema. A esi efectu, preséntense exemplos de la viralización de discursos d'odiu sobre les llingües romániques minoritaries de la Península Ibérica en *Twitter*, una rede social que ye güei oxetu d'estudiu por polémiques en rellación col odiu y rechazu a la diversidá (Amores *et al.*, 2021; Arcila *et al.*, 2020). Concéntrase'l corpus en *tweets* qu'amuesen prexucios llingüísticos na consideración de llingües como'l mirandés, l'asturianu, l'aragonés y el catalán, poniendo'l focu nes espresiones utilizaes. P'arriquecer l'alderique, preséntense exemplos de reacciones d'usuarios que denuncien o condenen estes práctiques.

Conclúyese nesti espaciu que, nel llabor actual de normalización social de les llingües minoritaries, ye pertinente y necesario reforzar el trabayu de denuncia y desacreditación de los prexucios llingüísticos nes redes sociales, xenerando nueves estratexes pa conseguir un mayor alcance y fomentar una participación ciudadana responsable.

Palavras-chave: sociollingüística, llingües romániques, minorización, prexucios llingüísticos, *Twitter*.

Helena Rebelo

Universidade da Madeira (FAH-DLLC e CIERL), Portugal
CLLC - Universidade de Aveiro, Portugal

A União Europeia e as línguas românicas não oficiais: uma leitura da Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias e de manuais de linguística românica

Com a *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias* (aberta à assinatura em Estrasburgo, em 05-11-1992 – Série de Tratados Europeus n.º 148 – e entrada em vigor na ordem internacional a partir de 01-03-1998), o tema das línguas europeias, incluindo as românicas que não são oficiais, parecia ganhar destaque, que, entretanto, parece deixar de ter relevo. Quem estuda Linguística Românica, em ambiente académico, tende a dar predominância às línguas oficiais, as dominantes nos Estados-Membros, que também são línguas oficiais da União Europeia. As que não são oficiais vão sendo progressivamente esquecidas. Bastará, para isso, observar os manuais de Linguística Românica publicados e divulgados, inclusive na Internet. É a primeira impressão que causam a quem os folheia. Que alcance teve a *Carta* desde 1992 em quem estuda assuntos de Linguística Românica? Pretende-se colocá-los (*Carta* e manuais de Linguística Românica) lado a lado, no sentido de compreender a relevância que lhes é dada, às línguas românicas não oficiais, nos manuais, à luz da referida carta.

Importa trazer à discussão questões de Política Linguística no seio da União Europeia. Pretende-se apresentar uma leitura da *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias*, aprofundando a dimensão que os dois qualificativos (regional e minoritário) têm para compreender até que ponto não são equivalentes, embora estejam associados, remetendo para línguas não oficiais. Recorre-se à tradução portuguesa da *Carta* veiculada pela Procuradoria-Geral da República, Gabinete de Documentação e Direito Comparado. Para os manuais de Linguística Românica, usam-se alguns com bastante alcance nos meios digitais, a fim de entender a sua predominância enquanto instrumentos de difusão de políticas linguísticas. A influência das línguas oficiais é tão forte que, (in)esperadamente, parece impor-se, inclusive no ensino da Linguística Românica. O paralelo entre *Carta* e manuais faz-se no sentido de procurar a presença das línguas românicas não oficiais, nos exemplos linguísticos concretos divulgados no estudo das línguas românicas no presente, no sentido de responder à pergunta: Que vitalidade tem a *Carta* em manuais de Linguística Românica?

Palavras-chave: Políticas linguísticas, União Europeia, línguas românicas não oficiais, línguas dominantes, manuais de linguística românica.

*Ideologias linguísticas sobre o standard catalão:
uma aproximação qualitativa desde as Ilhas Baleares*

A língua catalã, embora não seja uma língua minoritária, tem estado num processo de menorização desde há muito tempo, o que afeta tanto os usos linguísticos como os processos de codificação e standardização da língua. Assim, os preconceitos linguísticos dos falantes (e dos não falantes) desempenham um papel fundamental no que diz respeito à percepção da língua, especialmente num contexto sociopolítico que dificulta a consciência de pertença a uma comunidade linguística que se estende além dos limites políticos e administrativos de uma região concreta.

Tudo isto afeta não só os usos linguísticos, mas também a percepção que os falantes (e os não falantes) têm da comunidade linguística e da unidade da língua. Na verdade, nas últimas décadas têm aparecido ideologias em diferentes lugares da catalanofonia — os territórios de fala catalã — que questionam o *standard* catalão (o modelo padrão da língua) e que realçam as particularidades de cada região, utilizadas como pretexto para atacar o estabelecimento de um modelo de língua partilhado por toda a comunidade linguística. Em alguns casos, foi mesmo questionado se certas variedades são a mesma língua ou se, contrariamente, são uma língua diferente (secessionismo ou separatismo linguístico), como acontece no caso valenciano. Esta atitude, em alguns casos, parece ter sido instigada pelo governo de Espanha, em sítios *web* governamentais e em traduções do jornal oficial do Estado, por exemplo, e por alguns partidos políticos que apelam à singularidade de algumas variedades, no seu discurso.

O objetivo desta comunicação é dar conta de algumas ideologias linguísticas contrárias ao estabelecimento de um modelo linguístico comum da língua catalã, divulgadas na imprensa das Ilhas Baleares, com base num *corpus* formado por 35 artigos (2018-2021), publicados no jornal *Menorca*, na coluna “Rallant en pla” [*Falando claro*]. A metodologia de trabalho consiste na análise dos principais argumentos apresentados e na sua organização, de acordo com os diferentes tópicos que escondem os discursos diferencialistas, com base em estudos anteriores que analisam esta questão. Trata-se, portanto, de um estudo qualitativo, para analisar os tópicos do discurso linguístico particularista ou secessionista na atualidade e compará-los com os trabalhos desenvolvidos por Duane (2017) e Solivellas (2021).

Palavras-chave: ideologias linguísticas, *standard*, codificação, catalão, diferencialismo linguístico.

Miguel Rodríguez Monteavaro

Universidade de Oviedo, España

El Estudiu dialectográficu y dialectométricu na frontera ente l'asturianu central y l'asturianu occidental (EDACEO): una aproximación

El Estudiu dialectográficu y dialectométricu na frontera ente l'asturianu central y l'asturianu occidental (EDACEO) es el trabajo de doctorado de Miguel Rodríguez Monteavaro, que se defenderá en Uviéu (Asturias) en el mes de diciembre de 2021. Esta tesis doctoral tiene como punto de partida la recopilación y la presentación de datos lingüísticos dialectales del área centro-oeste de Asturias (dialectografía o dialectología tradicional) para después hacer un análisis dialectométrico de las relaciones entre lugares. La dialectometría es una disciplina que trabaja con datos variacionales a partir de métodos matemáticos y estadísticos, así que la información recogida en los 18 puntos de encuesta del EDACEO fue tratada informáticamente con el fin de encontrar estructuras lingüísticas superiores de lo que dialectología tradicional aventuraba.

En esta comunicación se hará un breve resumen de las características del trabajo y se adelantarán las principales conclusiones de la tesis. De esta forma el recorrido por el EDACEO tendrá la siguiente estructura: un estado de la cuestión de la dialectología asturleonera, centrado en el área centro-occidental, repasará los datos de la zona de contacto entre los dialectos central y occidental; después se hará una presentación de mapas de los investigadores del siglo XX en comparación con los mapas del EDACEO; luego, una muestra de los resultados de los análisis dialectométricos, y finalmente se expondrán las deducciones a posteriori del trabajo.

El objetivo final del EDACEO es aportar datos lingüísticos nuevos del ámbito fonético-fonológico y de la morfosintaxis y morfología verbal y no verbal en asturleonés, un dominio lingüístico que, aunque lleva más de cien años siendo investigado dialectalmente, aún tiene mucho que estudiar.

Palabras-chave: asturleonés, dialectografía, dialectometría, dialectología, variedades diatópicas.

Thaís Ferreira Bigate

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Características da Língua Brasileira de Sinais Tátil para Pessoas com Surdocegueira

O presente estudo tem como objetivo apresentar alguns elementos gramaticais da Língua Brasileira de Sinais Tátil usada por pessoas surdocegas. A surdocegueira é uma deficiência caracterizada pela perda concomitante da visão e da audição, afetando principalmente a comunicação e a mobilidade do indivíduo. Ela é classificada em congênita ou adquirida e as perdas sensoriais podem ser totais ou parciais. Esse conjunto de fatores influencia na forma de comunicação utilizada pela pessoa surdocega, que podem ser formas elementares por meio de gestos naturais, sinais caseiros e pistas no ambiente, bem como baseados na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A Libras é uma língua visual-espacial, contudo, ela também pode ser empregada na modalidade tátil. Na Libras tátil, os sinais são executados nas mãos da pessoa surdocega ao colocá-las sobre as mãos do emissor da informação. Ela é utilizada por surdocegos congênitos; por surdos usuários de Libras como sua primeira língua e posteriormente perderam a visão; e por surdocegos adquiridos usuários de línguas orais que decidiram aprender a Libras tátil para ampliar suas possibilidades comunicacionais e/ou facilitar a interação.

A maioria dos usuários da Libras é apenas surda, com isso suas criação e evolução são pensadas no aspecto visual que são fundamentais para o processo de significação da mensagem. Como não podem ser percebidas pelos surdocegos, as propriedades visuais da língua, também chamadas de *não manuais*, sofrem algumas alterações. Durante a prática docente com alunos surdocegos, foi percebido que os aspectos gramaticais não manuais da língua são substituídos por outros elementos táteis como: repetição do mesmo sinal em casos de marcadores de intensidade; uso de sinais no lugar de expressões que exprimiriam interrogação, exclamação e negação; e apontamento com os dedos ou projeção do tronco no lugar de direcionamento do olhar para um referente. Além desses elementos, também foi notado que o espaço gramatical para a execução dos sinais é menor, para possibilitar uma melhor percepção e gerar menos cansaço físico durante a conversação. Dessa forma, nota-se que apesar de se tratar da mesma língua, são necessárias alterações para que o surdocego receba a informação sem prejudicar o seu sentido.

Palavras-chave: surdocegueira, comunicação, Libras, Libras tátil, marcadores táteis.



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis